



O lampião da esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970¹

The lamp on the corner: discussions of gender and sexuality in Brazil in the late 1970s

Leonardo Schultz^[a], Patrícia Marcondes de Barros^[b]

^[a] Graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade Positivo (UP), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: leo.pp@ibest.com.br

^[b] Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), professora titular da Universidade Positivo (UP), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: patriciamarcondesdebarros@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar o estudo realizado sobre as discussões de gênero e sexualidade inseridos no impresso alternativo *O Lampião da Esquina* (1978-1981), assim como sua relevância para a imprensa brasileira. O jornal foi pioneiro em tratar de temas destinados aos homossexuais em uma fase de cerceamento da liberdade de expressão, decorrente do regime militar de 1964. Como eixo norteador da pesquisa, realizou-se o

¹ Trabalho inicialmente apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Finalista do prêmio José Marques de Mello (2012).

estudo de quatro edições do jornal, em diferentes épocas, nas quais foram analisados aspectos textuais, gráficos e de discurso. Esse tipo de jornalismo brasileiro do final dos anos dos 70 recebeu influências da contracultura norte-americana e do New Journalism, ao abordar questões comportamentais e sociais com um “novo olhar”, aberto às transformações ocorridas no mundo em todas as instâncias. Surgem, não apenas novos conteúdos, abordados sob a nova forma, advinda da “nova visão”, mas também, um formato e estética própria, numa negação dos padrões de objetividade do jornalismo tradicional, o que permitia o exercício da subjetividade.

Palavras-chave: História do jornalismo. Imprensa alternativa. Gênero. Homossexualidade. O Lâmpião da Esquina.

Abstract

The aim of this paper is to present a research about the debate involving gender and sexuality held in the alternative newspaper O Lâmpião da Esquina (1978-1981), as well as its importance to the Brazilian press. This newspaper was a pioneer publication in issues involving homosexuals during the period of dictatorship in Brazil (1964-1985), when freedom of speech was limited. This research consisted on the study of four editions, in different times, where textual, graphic and discursive aspects were analyzed. This type of Brazilian journalism of the late 70s received influences of American counterculture and the New Journalism in addressing behavioral and social issues with a "new look", open to the changes in the world in all instances. Arise not only new content addressed in the new form, arising out of the "new vision", but also a format and own aesthetic, a denial of objectivity standards of traditional journalism, which allowed the exercise of subjectivity.

Keywords: History of journalism. Alternative press. Gender. Homosexuality. O Lâmpião da Esquina.

Introdução

A década de 1970 foi marcada por novos movimentos sociais que lutavam contra a opressão em busca de liberdade de expressão. No Brasil, o cenário era o da ditadura militar responsável pela censura de imprensa. Neste contexto, foi criado o impresso *O Lâmpião da Esquina* (1978-1981), que trouxe várias discussões sobre sexualidade, entre outros temas polêmicos, sendo este o primeiro a abordar a homossexualidade de maneira pontual.

Diante de sua relevância para a história da mídia alternativa, este artigo tem como objetivo apresentar as discussões sobre gênero e sexualidade abordadas pelo impresso e qual sua contribuição para a desnaturalização das desigualdades de gênero. Por meio da análise do impresso, propõe-se um aprofundamento sobre o movimento homossexual em fins da década de 1970, assim como suas repercus-

sões naquele contexto, em que predominava uma sociedade baseada num padrão heteronormativo, modelo este que ainda vigora na atualidade.

Verifica-se ainda a importância do estudo do impresso, pois como a mídia possui um caráter de formação social, muitas vezes funciona como disseminadora de estereótipos, sendo assim, acaba por associar a homossexualidade à marginalização social. *O Lamião da Esquina* veio a colaborar para a desmistificação de estereótipos e preconceitos, assim como para o crescimento da visibilidade do movimento na sociedade brasileira.

A pesquisa proposta foi organizada da seguinte maneira: primeiramente, trata das questões conceituais de gênero, em seguida, apresenta a formação do movimento homossexual na década de 1970; e por fim, analisa as fontes documentais. A metodologia aplicada foi a da pesquisa qualitativa e análise de conteúdo de quatro edições do jornal em diferentes fases que postulam a mudança em sua linha editorial.

Poliglotas do sexo: representações de gênero na vida social e na mídia

A sociedade ocidental fundamenta-se no dualismo, que classifica os indivíduos em homens e mulheres, posicionando-os em clara oposição. Esta divisão surge a partir de um histórico social responsável por análises estritamente biológicas sobre as questões de gênero (entende-se por essas questões os conceitos de sexualidade e identidades sexuais). Atualmente se reconhece que, tão importante quanto à constituição biológica para a definição da sexualidade, são as características comportamentais e aspectos psicossociais que definem o indivíduo como um ser integrado ou não à sociedade. É por meio das nuances dessas definições que surgem movimentos sociais como o feminismo, o homossexualismo, o travestismo, entre outros, que vêm a contestar todo o sexismo enraizado nessa sociedade heteronormativa².

Os vários conceitos que definem a sexualidade de um indivíduo são carregados de subjetividades, que muitas vezes provocam equívocos de compreensão. Louro (1999) e De Paula (2010) definem alguns deles: *sexo biológico* (ser macho ou fêmea, a partir da constituição fisiológica); *identidade sexual* (forma como vivem sua sexualidade, por meio de atração por pessoas do sexo oposto ou do mesmo sexo biológico, isto é, ser heterossexual, bissexual ou homossexual); *identidade de gênero* (ser mulher ou homem); *papel de gênero* (comportar-se de forma feminina, masculina ou andrógina); *papel sexual* (modo pelo qual o indivíduo se insere na relação sexual, de forma ativa ou passiva).

No Brasil, junto à redemocratização, em fins da década de 1970, surgem as primeiras discussões sobre gênero. O termo refere-se aos aspectos comportamentais e psicológicos considerados como sendo adequados a indivíduos de cada grupo sexual, ou seja, a questão de gênero é, antes de tudo, uma construção social e uma realização cultural. Essa construção sexista masculino/feminino coloca evidentemente o primeiro elemento em superioridade, propagando a

² Padrão que considera a heterossexualidade como ideal para a sociedade, aceitando apenas relações entre homens e mulheres.

noção simplista de “homem dominante *versus* mulher dominada”, conforme estudos feitos por Louro (1999, p. 33). Tal afirmação está fundamentada na ideia foucaultiana de que sempre existe uma relação de poder nas concepções convencionais sociais. Como homens e mulheres regularmente constituem relações em que há negociações, consentimentos, alianças e revoltas, é inevitável verificar este aspecto por meio do exercício de poder.

Podem-se observar na sociedade diferenças explícitas quanto ao papel de gênero. Aos homens são associadas às ideias de liderança, força, coragem e independência; às mulheres, os traços de dependência, cooperação, afetividade e lealdade. A partir dessa constatação, conclui-se que nessa cultura a masculinidade é construída em contraposição à feminilidade e que há uma estrutura heteronormativa norteadora de valores éticos (responsável pela produção de discursos e sentidos sobre comportamentos dos indivíduos e grupos):

Em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos. A atribuição da diferença é sempre historicamente contingente – ela é dependente de uma situação e de um momento particulares (LOURO, 1999, p. 49).

É o conceito de gênero que possibilita o desenvolvimento da teoria *Queer*, de meados da década de 1980, que recusa a classificação dos indivíduos em categorias universais (homem, mulher, heterossexual e homossexual). Esta teoria define a identidade como objeto de constante modificação e recusa a aceitação de uma única verdade imutável. Não pretende excluir as classificações vigentes, ao contrário, pretende formar outras distintas ou simplesmente defender o direito do indivíduo de não se encaixar em nenhuma delas. O *Queer* surge para expandir o conceito de identidade àqueles que antes habitavam um espaço de marginalidade (homossexuais, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, *drag queens*, entre outros) dentro dos movimentos sociais, quando afirma que as minorias tornam-se “o sujeito do discurso”, sintetiza de maneira objetiva esse assunto, ou seja, passa de um estado de anonimato para se tornar o alvo da atenção (OJEDA, 2010).

Diante de todas essas discussões, depreende-se que gênero é uma construção cultural e social e, como tal, sua representação e disseminação pelos meios comunicacionais é responsável pela construção de ideais sociais, valores, estereótipos e preconceitos. Todas essas questões acabam por influenciar na representação da homossexualidade na mídia, que recebeu uma imagem majoritariamente estereotipada e negativa, que pouco colabora para acabar com o preconceito existente. Isso é resultado de uma visão deturpada da homossexualidade que avalia apenas a identidade sexual como fator determinante do indivíduo pertencente a esse grupo.

Assim, pressupõe-se que homens homossexuais assumem uma identidade sexual feminina e que mulheres homossexuais assumem uma identidade sexual masculina, o que não necessariamente é uma verdade. Baggio (2009, p. 5) comenta acerca da temática homossexual na publicidade que “a representação do homossexual na mídia é feita com base no papel sexual. Assim, o homossexual masculino

é representado com características do papel sexual feminino”. Por isso, muitas vezes, acaba por se utilizar do humor de maneira apelativa.

A mídia possui um papel expressivo para a construção e manutenção dos discursos vigentes na sociedade. Por este motivo, seu conteúdo pode abrir espaço para o reconhecimento da diversidade ou contribuir para a naturalização dos padrões sociais. No caso das relações de gênero e sexualidade, a mídia é o eixo que norteia a construção de suas representações.

[a mídia] se funda num padrão normativo ocidental hegemônico – a heteronormatividade – que, além de partir do pressuposto da heterossexualidade compulsória, hierarquiza e atribui valores aos sujeitos, às feminilidades, às masculinidades, aos arranjos sócio-afetivos e familiares, à sexualidade e às relações de poder. É através do conceito de heteronormatividade que entendemos estarem fundados os valores-notícia responsáveis pela produção de discursos e sentidos sobre comportamentos, indivíduos e grupos na sociedade pela mídia (DARDE, 2008).

No contexto dos anos 70, a imprensa homossexual surge da necessidade de garantir visibilidade ao movimento e também de criar uma força coletiva contra o sistema. É neste contexto, com o desenvolvimento econômico-industrial do país, a urbanização e a forte influência cultural estrangeira, que se ganha espaço para a discussão da homossexualidade. Proliferam os veículos impressos direcionados exclusivamente para esse público, no entanto, muitos deles baseados em conteúdos pornográficos.

Todos esses itens são analisados a seguir com o intuito de compreender como o impresso *O Lampião da Esquina* se inseriu no mercado midiático e como o discurso proliferado por meio dos artigos que o compõem colaborou com o ideário de revolução sexual inerente à época.

Somos: o movimento homossexual a partir da década de 1970

A organização do movimento homossexual iniciou-se no Brasil, no final da década de 1970, num momento em que muitos movimentos sociais se desenvolveram em prol da luta por ideais comuns. Mulheres, homossexuais e negros são alguns desses grupos que se uniram em busca de igualdade e garantia de direitos civis. Ferrari (2004, p. 105-106) afirma que, “mesmo concentrando o foco na cultura brasileira, os movimentos tiveram ou buscaram influência em outros países”, resultado da força que os movimentos contraculturais detinham na Inglaterra e nos Estados Unidos. Reivindicações e revolta que acabaram por trazer aos manifestantes brasileiros, entre outros sentimentos, o descrédito na política vigente e um inconformismo com aquele sistema repressor. Formou-se um grito de contestação latente e um desejo incontrolável pela subversão dos valores sociais, que foram criando força para que o movimento homossexual desabrochasse cada vez mais.

Antes de iniciar seu ativismo ideológico no Brasil, o movimento homossexual já se fazia presente em outros países. Ficou conhecido como a Batalha de

Stonewall o marco-zero dessa luta contra a homofobia (SILVA, 2008). Stonewall era o nome de um bar em Nova Iorque frequentado por gays, lésbicas e travestis, que consistia num espaço de livre expressão da homossexualidade. No local, ocorriam inúmeras batidas policiais, que resultavam em agressões e prisões de travestis. Em 28 de junho de 1969, o bar sofreu uma batida policial sob a acusação de falta de licença para a venda de bebidas. Porém, ao contrário dos outros dias, os frequentadores resolveram resistir à voz de prisão, e deu-se início a uma grande revolta, indo contra a repressão policial, tomando as ruas. Os manifestantes tombaram e incendiaram carros, levantando barricadas nas ruas.

Stonewall foi à tomada da palavra pelos homossexuais. A passagem da posição de objetos, da perseguição, inclusive policial, para a posição de sujeitos que desejam ser reconhecidos como tais e deixar de ser martirizados pelo preconceito, pela violência abusiva do outro. Stonewall surgiu no epicentro da revolução sexual dos anos 60, no qual a palavra de ordem era liberdade (BARROCO, 2009).

No Brasil, em 1968, mesmo com o contexto de recrudescimento da ditadura militar por meio dos atos institucionais (especificamente o AI-5), novos movimentos sociais ganhavam visibilidade em sintonia com a contracultura norte-americana e com o mote da revolução sexual. Esta ganhava suas nuances coloridas no país, e um dos meios principais utilizados para divulgar os novos valores advinha da imprensa alternativa.

Por meio da imprensa alternativa, existe a produção de um discurso politizador acerca das questões referentes à sexualidade, especialmente aos homossexuais, garantindo os direitos a um grupo até então reprimido e “invisível” para o Estado. O primeiro grupo que surgiu com o interesse em apresentar a homossexualidade de forma politizada no Brasil foi o “Grupo Somos”, formado em 1978, em São Paulo. Sua estratégia política era o fortalecimento da identidade homossexual (por meio da valoração positiva das categorias “bicha” e lésbica) associado à construção de uma política fortemente antiautoritária (FRY; MACRAE, 1985).

No mesmo ano, foi lançada a edição número zero do jornal *O Lampião da Esquina*, um material de grande importância histórica, que vinha para expor as primeiras iniciativas do movimento. Em 1980, com o surgimento e crescimento acelerado da AIDS, ocorreu uma mudança significativa nesse cenário, pois desta vez o movimento precisou buscar o auxílio do Estado na luta para conter a doença, conseqüentemente as críticas ao autoritarismo foram reduzidas, entretanto, o valor positivo não deixou de ser atribuído à classe homossexual (FRY; MACRAE apud FRANÇA, 2006).

Em 1981, o jornal *O Lampião da Esquina* encerrou suas atividades, gerando um vazio ideológico, pois este era considerado o mais importante meio divulgador das questões homossexuais. É também no final dos anos 1980 que o movimento perdeu muitos de seus principais grupos e divulgadores, entre eles, o “Somos”, que a princípio passou a participar de passeatas junto aos movimentos negros e feministas, mas acabou por abandonar suas atividades após problemas financeiros (uma das características da imprensa alternativa nesta fase é o caráter ideológico e não comercial).

A década de 1990 tem como característica o ressurgimento do movimento com a promoção de Encontros Brasileiros de Homossexuais (EBHO). Com a retomada de sucessivos encontros, volta-se a ativar a luta pelos direitos homossexuais (FACCHINI, 2003, p. 104), que recebeu também o apoio do movimento feminista, reforçando a luta pela questão da igualdade e da não discriminação sexual. Nos Estados Unidos, surgiu o Dia do Orgulho Gay, que se disseminou mundialmente.

Oficializando a voz do gueto: análise d'O Lampion da Esquina (1978-1981)

Para esta pesquisa, foi utilizada a metodologia de análise do conteúdo, que se constitui em descrever e interpretar os documentos e textos. Primeiramente, foi feita uma análise textual e temática, para em seguida obterem-se conclusões sobre o discurso, suas ideologias, influências e restrições sociais. Logo, é possível afirmar que o trabalho não se limita apenas a interpretar aspectos objetivos da leitura comum, mas sim alcançar novas subjetividades.

O Lampion da Esquina surge durante o conturbado período da ditadura militar, em que a imprensa era dominada pela censura, e as chamadas minorias sociais não possuíam liberdade e espaço de expressão. O impresso não foi o pioneiro da imprensa alternativa³ destinado aos homossexuais, contudo, se destaca pela visibilidade atingida com uma distribuição nacional e que veio a alcançar grande destaque na mídia. Antes dele, havia outros periódicos, mas eles eram mimeografados e com distribuição pulverizada.

No total, o jornal teve 38 edições, mais três edições extras, entre abril de 1978 e junho de 1981 e se apresentava como um jornal de formato tabloide. Durante esses poucos mais de três anos, muitas mudanças puderam ser percebidas no conteúdo textual e gráfico do material, as quais são analisadas. As edições são apresentadas em três momentos distintos, a partir da análise de quatro números: zero (abril de 1978), um (maio de 1978), dezenove (dezembro de 1979) e trinta e sete (junho de 1981).

O Lampion da Esquina foi um marco na história da imprensa brasileira e, sendo assim, é de grande relevância seu estudo, não apenas pelas classes a que se destina, mas por todos aqueles que desejam entender sobre a construção social, política e cultural do país.

As primeiras edições: edição zero (abril de 1978) e edição um (maio de 1978)

A publicação nasceu no eixo Rio de Janeiro – São Paulo, com a intenção de desmistificar a imagem folclórica de que os homossexuais eram seres marginaliza-

³ A imprensa alternativa, ou nanica, é o modo como ficou conhecido o jornalismo feito por veículos não ligados às políticas dominantes e à poderosa indústria cultural. No Brasil, foi durante os anos de 1960 e 1970, com a ditadura militar, que essa imprensa ganhou força, principalmente ao protagonizar o desejo dessas gerações de propagar transformações sociais contra as injustiças do sistema (KUCINSKI, 2003).

dos e movidos por impulsos meramente sexuais, quebrar os preconceitos vigentes e delimitar a construção da identidade homossexual para a sociedade. Sua edição experimental, a de número zero, foi publicada em abril de 1978, da qual foram impressas cinco mil cópias e distribuídas a um público selecionado, porém, “sem distinção de credo, raça ou preferência sexual” (LAMPPIÃO, 1978b, p. 9). Assim, o impresso se apresentava ao público:

Mostrando que o homossexual recusa para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais; que ele não quer viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizem; [...] Lampião deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos. (LAMPPIÃO, 1978a, p. 2)

Havia uma preocupação evidente com o texto, em subverter e transgredir o discurso do sistema, entretanto, não houve um cuidado com o *design* visual deste, basicamente formado por blocos longos de texto, com poucas imagens e cores apenas na capa e contracapa. Em sua leitura, estavam presentes reportagens sobre temas polêmicos (igreja e homossexualidade), eróticos (locais de “pegação” [sic]), matérias sobre literatura e informações culturais e também assuntos ainda em voga (casamento gay). Em geral, eram apresentados personagens degradados e da vida noturna do cenário paulista e carioca. Melancolia e temas infelizes estavam sempre presentes nos textos do impresso, em especial na seção “Literatura” que encerrava cada edição do jornal; histórias de violência e solidão que se referiam ao homossexual como um ser perseguido e subjugado. Na descrição de Simões Jr. (2004), *O Lampião da Esquina* possuía as seguintes características:

Os períodos são em sua grande maioria longos e compostos, denotando uma certa complexidade de leitura. Não se trata de um jornal para leitura de lazer. Tem-se a impressão de um periódico que busca criar/estruturar uma comunidade consciente de seus direitos e com argumentos convincentes e plausíveis que possibilitassem a aparição da comunidade homossexual enquanto algo positivo, e não pejorativo como era visto até então (ou até hoje).

Por surgir e se manter durante o período final do governo militar, alguns artifícios foram utilizados pelos redatores do *Lampião* para confundir ou até mesmo brincar com os leitores, como o uso excessivo de metáforas e outras figuras de linguagem. Um exemplo disso pode ser notado no seguinte trecho (LAMPPIÃO, 1978a, p. 11): “Já em 1400 Leonardo da Vinci (que entendia das coisas) escreveu: ‘Haverá um dia em que os homens conhecerão o íntimo do animal e, nesse dia, um crime contra um animal será considerado um crime contra a humanidade’”. Pode-se concluir pelo trecho entre parênteses que Leonardo da Vinci era um homem muito inteligente ou, simplesmente, que tal “entendimento” se referia a sua condi-

ção homossexual (entendido é um termo ainda hoje utilizado por alguns para se referir aos homossexuais); análise de Simões Jr. (2004).

Há um encorajamento recorrente no texto ao leitor, para que este assuma sua identidade e lute por seus direitos. “Se você não falar do seu problema, o seu problema não existe” (LAMPPIÃO, 1978b, p. 14) ou de maneira mais incisiva: “Informe-se, ache uma maneira de atuar no mundo em que vive, e deixe de ter pena de si mesmo” (LAMPPIÃO, 1978a, p. 14).

Apesar de o editorial inicial informar o posicionamento do impresso como destinado a todas as minorias – mulheres, negros, travestis, ecologistas –, e não restrito apenas aos homossexuais, fica evidente que o grande destaque de suas reportagens se destina aos homossexuais masculinos. Conforme explicação da própria equipe, havia o espaço destinado a tais grupos, mas também uma resistência muito grande em suas participações. “A ausência de mulheres em LAMPPIÃO não é, fique bem explicado, por culpa do seu conselho editorial; convites não faltaram, todos recusados, mas nossas colunas continuam à disposição” (LAMPPIÃO, 1978a, p. 5). Por esse motivo, geralmente as matérias destinadas às mulheres e negros encontram-se em boxes menores de rápida leitura, ou inseridas em reportagens maiores.

Para concluir a análise do primeiro período da publicação do impresso *O Lampion da Esquina*, é interessante ressaltar a existência de uma acidez e indignação nos textos, principalmente quando alguma entidade ou pessoa se refere aos homossexuais de maneira pejorativa. Sobre o filme *Momento de Decisão*, que aborda a heterossexualidade como uma forma de “cura” para bailarinos homossexuais, o jornal se posiciona da seguinte forma: “Resta saber se teria sido financiado pelo Departamento de Estado Americano (assustado com a ‘propagação’ das bichas) ou por algum produtor cinematográfico de consciência culpada (que rolou na cama com bailarinos e depois se arrependeu)” (LAMPPIÃO, 1978b, p. 12). O sarcasmo também é recorrente sobre os que repudiam a homossexualidade, como pode ser analisado num dos títulos da seção “Cartas na Mesa”: “Passa fora, machão”.

Edição dezenove (dezembro de 1979)

A manchete de capa já não deixa dúvidas de que seu posicionamento político ainda se sustenta: “Anistia apóia homossexuais – vítimas da opressão sexual agora são presos políticos” (LAMPPIÃO, 1979, p. 5). Esta reportagem, que ganhou um amplo destaque na edição, descreve em quatro páginas histórias de personagens subjugados pelo poder jurídico e policial, sob comentários de uma advogada especializada em atender minorias. Ao apresentar o relato de duas travestis e, principalmente, ao focar o assunto discutido nas questões de extorsão e subornos a que elas eram submetidas, a matéria revelou coragem e compromisso com a verdade de forma clara e objetiva. Durante a reportagem (LAMPPIÃO, 1979, p. 7), o jornalista Jorge Schwartz comenta com João Silvério Trevisan (um dos editores do *Lampion*): Schwartz questiona, “A gente chega à conclusão que a marginalidade, para sobreviver, passa a sustentar os próprios órgãos repressores, não é?”, e Trevisan conclui, “É: a marginalidade sustenta a repressão”.

O discurso de chamada dos homossexuais ao ativismo também permanece:

Infelizmente a sociedade machista é dona do mundo. E esta situação não sofrerá mudança enquanto não partirmos para a ação. [...] Há um trabalho difícil, árduo a ser realizado por todos. Amigas passionárias, rompam com as correntes da miséria e da opressão, rodem um pouquinho as suas baianas, que isto não tem matado bicha nenhuma, ao contrário tem nos ajudado a crescer (LAMPIÃO, 1979. p. 2).

Pela análise desta edição, foi possível constatar um crescimento do espaço cedido aos negros, demonstrando que o engajamento social e a sexualidade também norteavam as discussões do impresso. Há uma matéria dedicada a tratar sobre a posição do negro no contexto brasileiro, outra sobre a religião afro-brasileira e um box especial sobre o dia da conscientização negra no Brasil. Também há uma entrevista com a artista Zezé Motta falando sobre raça, homossexualidade e sua carreira.

E novamente um chamado às feministas. Aguinaldo Silva, um dos editores do impresso, questiona a falta de engajamento das mulheres com relação aos acontecimentos da época, a apatia generalizada e a paralisia do movimento feminista no Brasil, abrindo novamente espaço de resposta às mulheres no *Lampião da Esquina*.

O que nos cabe comentar, aqui, não é a reação típica do sistema, sempre disposto a resguardar os autores de crimes em cujas origens pode-se perceber toda a ideologia sexista, mas sim, a (não) reação das mulheres a mais esse crime [assassinato de uma prostituta em São Paulo] [...] Onde estão as mulheres progressistas deste País? (LAMPIÃO, 1979, p. 13).

Lançam-se nesta edição questionamentos sobre a construção de uma cultura homossexual e como a mídia pode ser responsabilizada por aumentar ou diminuir o preconceito. Sobre como o fenômeno social e político são indissociáveis: “[...] as ideias e os ideais das minorias participarão decisivamente do panorama político internacional daqui a dez anos, talvez até menos. [...] Poderio nenhum conseguirá sufocar de forma definitiva os atuais movimentos das minorias discriminadas!” (LAMPIÃO, 1979, p. 9). Sobre a imagem divulgada do homossexual, relata-se uma enorme indignação; vide comentários sobre o descaso do sucesso de *O Crime do Castiçal* pela grande imprensa (a série foi exibida pela Rede Globo de Televisão e abordava o mundo homossexual de maneira sincera e realista).

Aqui foram constatadas diferenças com relação às primeiras edições. Nesta analisada, encontram-se tímidos anúncios publicitários, em geral de serviços: restauração de quadros, reformas, decoração e depilação. Nas primeiras edições, havia esse espaço para divulgação, entretanto, não existia uma procura pelos anunciantes. Há também a presença de charges. Esta edição apresenta o personagem Batman trabalhando os músculos das nádegas, uma posição que em oposição a sua imagem de super-herói másculo e bruto. É o início da transformação que

mais adiante vai ocorrer na imprensa e que hoje está muito em evidência: a “feminilização” do homem, o metrosssexualismo e a androginia do ser.

Nota-se ainda uma importante transformação no conteúdo editorial do *Lampião da Esquina* com a introdução de algumas matérias e notas com tons mais explícitos. Isso fica evidente na matéria “Um cantor pequeno por fora mas e-nor-me por dentro [sic]” (LAMPIÃO, 1979, p. 14), cujo título já apresenta um trocadilho mais pobre linguisticamente, fazendo referência ao órgão sexual do cantor entrevistado. O conteúdo da matéria exagera ao falar excessivamente sobre o tesão sexual que a sua imagem provocava entre os(as) fãs e a entrevista ainda é ilustrada por uma foto do cantor nu deitado em uma rede (existe uma tarja preta sobre seu sexo). A publicidade do próprio *Lampião* (via assinatura do periódico) apresenta a imagem de um rapaz apenas de sunga e com a mão prestes a arrancá-la. Uma clara alteração de posicionamento, visto que, na edição zero os editores deixaram bem evidente a seguinte afirmação: “Quanto às fotos de rapazes nus, não é o nosso gênero: LAMPIÃO acha que ninguém, nem mesmo Pedrinho Aguinagua [?] deve ser tratado como objeto sexual” (LAMPIÃO, 1978a, p. 14).

Edição trinta e sete (junho de 1981)

Nas chamadas principais de capa, já se pode identificar que o impresso apresentava uma diferente abordagem em suas matérias: “Viado gosta de apanhar? Uma viagem ao mundo dos sadomasoquistas”, “O que o senhor faria se visse o seu marido beijando outro homem?” e “Homossexual se afoga após fotografar garoto nu!” (LAMPIÃO, 1981). Identifica-se um tom desprezioso e irreverente condutor dos textos das matérias, a linguagem está muito mais próxima da informalidade. Neste momento, o impresso se apresenta mais liberal (ou seria comercial?) exibindo ensaios fotográficos com um dos rapazes totalmente nu. Aqui, um rapaz, intitulado Edson, aparece em quatro fotos com o pênis inteiramente descoberto.

As discussões de gêneros permeiam quase todas as matérias; ora examinando a questão sexista macho/fêmea, ora criticando a sociedade hipócrita, como se pode perceber nas seguintes citações. Primeiramente no trecho de uma entrevista com o escritor e professor Guy Hocquenghem:

- Lampião: Se pegam, por exemplo, dois soldados fodendo, o que é expulso primeiro é o passivo, o outro tem mais uma chance, e fica no exército. Existe essa diferença entre ativo e passivo.

- Hocquenghem: Evidentemente. Isso é normal, porque existe uma divisão entre dois tipos de homossexuais, que são os supermachos e os submachos. Uma sociedade pode considerar um homem tão macho que ele só pode foder comendo. E é o macho no sentido estrito da palavra, tão viril que só pode comer homem viril (LAMPIÃO, 1981, p. 6).

E também na reprodução de um pequeno trecho do livro *A Contestação Homossexual* (1980), do mesmo autor:

Um estereótipo do homossexual do Estado. [...] A loca tradicional, simpática ou má, o amante de garotões, o especialista dos mictórios, todos esses tipos coloridos herdados do século XIX, apagam-se diante da modernidade tranqüilizadora do (jovem) homossexual (de 25 a 40 anos), de bigodes e com sua pastinha de executivo debaixo do braço, sem complexos nem afetações, frio e bem educado, publicitário ou balconista de lojas elegantes, inimigos dos excessos, respeitoso em relação ao poder, amante da cultura e de um liberalismo esclarecido (HOCQUENGHEM, 1980 apud LAMPIÃO, 1981, p. 7).

A identidade de gênero (ser homem ou mulher) aparece inserida na matéria sobre comportamento masculino e é utilizada como justificativa para explicar o fato de alguns bares e lugares gays estarem totalmente ausentes da presença de mulheres.

Esta ilusão é útil [inexistência de mulheres]. Ela permite a alguns, depois de uma investida pelo *fucking-room* [sala destinada ao sexo], escapar do sentimento de culpa que decorre do desprezo universal pelos homossexuais que se comportam sexualmente como mulheres. Se não há mulheres no mundo, alguns homens simplesmente têm de substituí-las (LAMPIÃO, 1981, p. 11).

A linguagem do *Lampião da Esquina* se mostra mais apelativa em alguns momentos. A descrição sobre o submundo do sexo fácil no Palácio do Cinema, em São Paulo, é quase explicativa; revela detalhes sobre os códigos utilizados por seus frequentadores para conseguir sexo. Ainda, a publicidade do jornal para angariar novos assinantes passa a utilizar o seguinte título: “Não fique aí sentado esperando a Revolução. Tenha um orgasmo agora!!! Leia e assine o *Lampião*” (LAMPIÃO, 1981).

A acidez e o tom de cumplicidade dos editores para com os leitores continuaram presentes até o final do periódico. Adão Costa, um deles, escreve com orgulho, na última edição do *Lampião da Esquina*, sobre a comemoração de três anos do impresso, sobre como se sentiu ao ser abordado pela polícia, sua nova relação amorosa e tudo o que ocorreu durante a festa.

Considerações finais

O impresso alternativo *O Lampião da Esquina* marcou significativamente a história da imprensa nacional, obtendo êxito dentro dos ideais a que se propôs. Em três anos de existência, abriu espaço para grupos sociais antes ignorados – homossexuais, mulheres, negros, travestis – e procurou inverter a imagem marginalizada do homossexual.

Apesar de focar incisivamente seu discurso nas discussões de gênero masculino/feminino, sexismo e subversões sexuais, perceberam-se algumas alterações na

linguagem e abordagem do impresso por meio de seu percurso editorial. Inicialmente se caracterizava por um teor politizado e reivindicador, e com o passar do tempo reduziu seu ativismo, cedendo espaço a elementos mais comerciais (vide a inserção de fotos de rapazes nus). Também, nota-se uma alteração no discurso, que gradativamente foi popularizado para se aproximar da linguagem de gueto e perdeu o aspecto mais politizador inicial. No entanto, tanto a acidez característica, quanto a relação de proximidade com o leitor continuam da primeira à última edição.

Contudo, o impresso não conseguiu dissociar a imagem do homossexual com a de um ser essencialmente sexual. Ao discutir a sexualidade, muitas vezes frisou em temas restritivos do cenário do sexo, a exemplo: lugares de encontros para sexo fácil, prostituição e reportagens com imagens erotizadas. Entretanto, diante do contexto conturbado em que esteve inserido, fase da ditadura militar, de cerceamento à liberdade de expressão, foi necessária muita flexibilidade para se manter no mercado, e mais do que isso, coragem, para criar discussão em um povo reprimido pela censura.

Referências

- BAGGIO, A. T. A temática homossexual na publicidade: representação e estereótipos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1146-1.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2014.
- BARROCO, V. As conquistas do movimento gay 40 anos após Stonewall. **A capa**, 29 jun. 2009. Disponível em: <<http://acapa.virgula.uol.com.br/site/noticia.asp?codigo=8616>>. Acesso em: 3 nov. 2010.
- DARDE, V. W. S. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, v. 14, n. 2, p. 223-34, 2008.
- DE PAULA, P. S. R. **Identidade homossexual: questão de gênero?**. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/revistadiscenciapesquisa/docs/PaulaPSR_2.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2010.
- FACCHINI, R. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos AEL**, v. 10, n. 18-19, 2003. Disponível em: <http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/73/75>. Acesso em: 3 nov. 2010.
- FERRARI, A. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a09.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2010.

FRANÇA, L. I. Cada macaco no seu galho? Poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 60, fev. 2006. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/107/10706006.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2010.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

HOCQUENGHEM, G. **A contestação homossexual**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 1, n. 0, abr. 1978a. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/cedoc/lampiao/01%20-%20LAMPIAO%20EDICAO%2000%20-%20ABRIL%201978.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, maio/jun. 1978b. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/cedoc/lampiao/05%20-%20LAMPIAO%20DA%20ESQUINA%20EDICAO%2001%20-%20MAIO%20JUNHO%201978.PDF>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 2, n. 19, dez. 1979. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/cedoc/lampiao/23%20-%20LAMPIAO%20DA%20ESQUINA%20EDICAO%2019%20-%20SEZEMBRO%201979.PDF>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 3, n. 37, jun. 1981. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/cedoc/lampiao/41%20-%20LAMPIAO%20DA%20ESQUINA%20EDICAO%2037%20-%20JULHO%201981.PDF>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

OJEDA, C. H. **O que é a teoria queer?** 2008. Disponível em: <<http://girls.the-talk.net/t54-o-que-e-a-teoria-queer-por-carmen-hernandez-ojeda>>. Acessado em: 10 nov. 2010.

SILVA, H. W. **Gays e lésbicas: às vésperas de Stonewall**. 2008. Disponível em: <http://www.pstu.org.br/opressao_materia.asp?id=8414&ida=18>. Acesso em: 10 nov. 2010.

SIMÕES Jr., A. C. **Memória e discurso: “O Lampião da Esquina” e a construção da identidade homossexual**. 2004. Trabalho apresentado ao 2. Congresso da Associação Brasileira de Homocultura (ABEH). Brasília, 2004.

Recebido: 16/10/2013

Received: 10/16/2013

Aprovado: 20/11/2013

Approved: 11/20/2013

Publicado: 30/04/2014

Published: 04/30/2014